

**CASSANDRA RIOS SUBVERSIVA? UMA ANÁLISE DA SEXUALIDADE EM
*COPACABANA POSTO 6***

Flávia Mantovani
Doutoranda em História - Unesp/Franca
flavia.mantovani@unesp.br

RESUMO: O objetivo deste texto é apresentar uma análise das questões de sexualidade no livro *Copacabana Posto 6 – A Madrasta (1969)*, de autoria de Cassandra Rios, escritora paulistana que mais sofreu vetos durante a Ditadura Militar. Trata-se de recorte de pesquisa em História, na qual busca-se investigar as relações entre sexualidade e política no Brasil a partir da produção literária de Cassandra Rios. Para tanto, trazemos breve biografia da autora e em seguida apresentaremos a obra em questão. Concluímos com alguns apontamentos a respeito da referida produção literária em questões que tangem a sexualidade.

Palavras-chave: Cassandra Rios; censura; sexualidade e política.

INTRODUÇÃO

O campo historiográfico experimentou, no decorrer do século XX, uma ampliação de temáticas, perspectivas teóricas, interdisciplinaridades e, no bojo deste movimento, temáticas que centralizam aspectos como a sexualidade, apresentam-se com bastante relevância. Deste modo, as sexualidades procuram um lugar na História e, no Brasil, no que diz respeito ao período da Ditadura Militar, alguns estudos se desenvolvem no sentido de visibilizar sujeitos a partir do gênero e sexualidade. Os trabalhos temáticos das Comissões da Verdade do estado de SP “Rubens Paiva”, trazem uma preocupação em apurar as violações de direitos humanos contra o grupo LGBT¹, e impulsionaram

¹Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais. Replico aqui a sigla utilizada nas comissões, mas não a utilizo no decorrer do texto.

trabalhos que pensem a relação da ditadura e homossexualidades². Situamos a releitura da produção de Cassandra Rios neste contexto, uma vez que é a escritora que mais sofreu vetos a seus livros, a maioria deles, sobre histórias eróticas entre mulheres.

João Silvério Trevisan, um dos editores d'*O Lampião na Esquina*, jornal *guei*³ da década de 1970 – sobre o seu *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia a atualidade*, afirma que seu objetivo com o livro é tornar o Brasil mais conhecido, o que demonstra o seu interesse em incluir na narrativa histórica os sujeitos que escapam à heterossexualidade e, à guisa de comparação, pode-se pensar que os recentes trabalhos a respeito da Cassandra Rios englobam também este aspecto. Em alguma medida, homossexuais, lésbicas, pessoas trans e esse escopo de sujeitos que fogem às normas de gênero e sexualidade e que nas discussões mais recentes são encaixados na denominação “LGBTQTQI+”, é ignorado pela historiografia. Pensar a escrita de Cassandra Rios, marginalizada, também, pela crítica literária que a considera fora do cânone, implica em reconsiderar esta marginalização.

O momento histórico que abarca a Ditadura Militar brasileira pode ser analisado como um tempo em que se persegue, ou se pretende por parte do Estado, um tipo de “nação ideal”, donde não caberia nada que representasse uma ameaça à ordem. Podemos problematizar se, quando Rios tematiza relações homoeróticas, o sexo e o desejo entre mulheres em sua produção literária – aspectos do comportamento provavelmente vistos como imorais – enfim, a autora pautando estes temas causa um certo pânico moral, expondo a sexualidade da mulher e seus desejos, algo não tão recorrente na literatura brasileira até então. Desta forma, em nossa pesquisa, pretendemos investigar se, ou de quais maneiras, sua abordagem temática representou uma ameaça aos valores pretendidos

²A este propósito, pesquisas são cada vez mais recorrentes, a exemplo de livro recente organizado por Renan Quinalha e James Green, *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade* (EdUFSCar, 2014), analisando as relações entre a ditadura militar brasileira e as homossexualidades, bem como um número considerável de pesquisas sobre o *Lampião da Esquina*, jornal gay editado por Agnaldo Silva, João Silvério Trevisan, entre outros, no final da década de 70, inspirado no norte-americano *Gay Sunshine*. Pode-se mencionar, ainda, a tese de Patrícia Lessa a respeito do boletim *CHANACOMCHANA*, criado por mulheres lésbicas em 1981 e distribuído no *Ferro's Bar*, no centro de São Paulo (LESSA, 2007).

³Grafia utilizada pelos próprios editores e redatores do jornal.

para a nação naquele momento. O presente texto a propósito da obra *Copacabana Posto 6 – A madраста*⁴ se insere neste contexto de análise.

A censura na Ditadura Militar brasileira é comumente vista em estudos acadêmicos sob duas perspectivas: a censura política e a censura moral. Há produção historiográfica considerável acerca da perseguição aos comunistas, ao “perigo vermelho” utilizado como motivo para o golpe de 1964, quando o país se encontrava, segundo alguns setores como os militares, mídia, setores industriais (NAPOLITANO, 2014), sob a iminência de uma “cubanização” do país, dado o contexto histórico da Guerra Fria. Pesquisas recentes como a de Renan Quinalha (2017) e Douglas Atilla Marcelino (2006), no entanto, vêm pautando o carácter moral da censura neste período e, deste modo, não bastaria pensar a dimensão proibitiva, coercitiva e repressora da censura com todo o seu aparato legal e institucional, mas também a reflexão acerca de sua dimensão voltada para os comportamentos, na qual, mais do que a interdição da liberdade de expressão vista como política pela censura, ocorre a produção discursiva daqueles sujeitos e comportamentos socialmente aceitáveis. Marcelino considera que:

De fato, a memória construída sobre os anos da ditadura, de forma geral, tende a ressaltar somente a dimensão política da censura então existente. Na verdade, a época é lida, como um todo, sobretudo a partir da chave política. Questões como a sexualidade e outras referidas ao plano comportamental, quando mencionadas, são tomadas apenas como epifenômenos de uma variante política fundamental. Assim, a história do Brasil entre 1964 e 1985 tem sido reduzida à história política da ditadura militar. (MARCELINO, 2006 p. 15)

No entanto, se consideradas as reflexões de Foucault em sua *História da Sexualidade*, é difícil não tomar o sexo e a sexualidade como aspetos políticos. Foucault observa que o século XIX e o XX foram caracterizados pela multiplicação dos discursos, dispersão das sexualidades, reforço das formas absurdas, toda uma implantação múltipla das “perversões”, trazendo a reflexão acerca dos dispositivos de poder que produzem as sexualidades.

⁴O título original da obra, *Copacabana Posto 6 – A Madраста*, foi abreviado no título e no decorrer deste texto por uma questão de fluidez da redação.

Ainda sobre a censura prévia vigente durante a ditadura, é necessário mencionar o Decreto-Lei 1.077/70 – claramente voltado para a moral e os bons costumes, que regulamentou em 1970 a censura voltada para os itens das diversões públicas: literatura, teatro, cinema, televisão. A censura até então regulada para outras atividades como a imprensa e as artes, teatro e cinema, se estende para todo o mercado editorial de livros e revistas com as atividades centralizadas no SCDP – Serviço de Censura e Diversões Públicas em Brasília (REIMÃO, 2011, p. 2). Tal decreto, instituído pelo General Médici, tinha como objetivo a regulamentação da censura a livros e revistas através da avaliação prévia destes materiais. Seu texto explicitava a necessidade de controlar a publicação de textos jornalísticos e obras literárias que confrontassem o que o estado chamava de “moral e os bons costumes”. No texto do decreto:

Art. 1º Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação;

Art. 2º Caberá ao Ministério da Justiça, através do Departamento de Polícia Federal verificar, quando julgar necessário, antes da divulgação de livros e periódicos, a existência de matéria infringente da proibição enunciada no artigo anterior.

Art. 3º Verificada a existência de **matéria ofensiva à moral e aos bons costumes**, o Ministro da Justiça proibirá a divulgação da publicação e determinará a busca e apreensão de todos os seus exemplares. (REIMÃO, 2011, p. 22s, grifos nossos)

BREVE BIOGRAFIA DE CASSANDRA RIOS:

Nascida em 1932, em Perdizes, bairro classe média alta de São Paulo, Cassandra Rios é pseudônimo de Odete Rios, filha de espanhóis. Em 1948, aos 16 anos, publicou seu primeiro livro, *Volúpia do Pecado (1948)*, uma história de amor entre duas adolescentes. Na ocasião, a autora escolhe o pseudônimo Cassandra⁵ Rios. O livro foi

⁵Cassandra foi, na mitologia grega, uma pitonisa sobre quem pesava uma maldição: ao mesmo tempo em que tinha o poder de prever as coisas, tinha também a desgraça de jamais ser acreditada. Profetizou a

vendido rapidamente, e seria tirado de circulação em 1962. O seu segundo livro foi *Carne em Delírio* (1948), o editor em questão, diante das consideráveis vendas do primeiro, funda a sua própria editora que estrearia com este livro.

Em várias entrevistas ou na mídia do período de sua vida de escritora, as matérias a referenciam como um “sucesso de vendas”. Rios aparece como uma autora que é lida e vendida, como expresso na revista *Realidade*: “cada novo livro seu vende 3 000 exemplares em quinze dias, sem nenhuma propaganda” (REALIDADE, 1983, p. 118). Não são raras também as menções à Cassandra Rios como a primeira escritora do Brasil a vender um milhão de exemplares, marca atingida apenas por Jorge Amado e José Mauro de Vasconcelos.

Após um contrato com uma editora carioca a autora publica *Eudemônia* (1949), a partir daí, vários outros títulos dentre os quais o *Copacabana*.(VIEIRA, 2014), e passa a viver das publicações e direitos autorais de seus livros, alguns dos quais adaptados para o cinema. As publicações e vendas de seus livros criam uma espécie de “mito Cassandra” (VIEIRA, 2014), e o nome de Rios passa a ser veiculado, em aparências na mídia e jornais, à uma imagem de escritora maldita, pornográfica, a “papisa do homossexualismo”. Alguns processos e proibições de seus livros reforçam esta imagem. Entre 1962 e 1969, Cassandra Rios tem pelo menos oito de seus livros proibidos e adquire uma multa por ultraje público ao pudor.

Rios relata em entrevista à revista *Realidade* que a escrita do livro *Tara* aconteceu em uma semana, sob pressão de editores para que fizesse novas histórias, que venderiam muito sob a alcunha de “a escritora mais proibida do Brasil”. Afirma, ainda, que o referido livro vende 20 mil exemplares em uma semana. Rios não pararia de escrever, mesmo com os vetos e perdas financeiras sofridas, e faleceria em março de 2002, aos 69 anos.

SEXUALIDADE EM COPACABANA POSTO 6

catástrofe que seria causada pelo cavalo de Troia e pediu que não o deixassem entrar na cidade. Mas, como sempre, não lhe deram fo. e o cavalo entrou, levando a guerra, a destruição e a dor.

Segundo o levantamento apresentado Kyara Maria de Almeida Vieira em sua tese de doutorado intitulada “*Onde estão as respostas para as minhas perguntas?*”: *Cassandra Rios – a construção do nome e a vida escrita enquanto tragédia de folhetim*, o livro *Copacabana Posto 6 – A Madrasta* data de 1956. As referências de suas obras foram encontradas no livro *Nicoleta Ninfeta (1973)*, já que era muito comum nos livros a divulgação dos já impressos (e suas reedições ou não) e os que estavam ainda no prelo. Porém, a edição a que tivemos acesso traz o título *A madrastra*, apenas, e o *copyright* de 1969, com os direitos de publicação *Distribuidora de Livros São Nicolau LTDA*.

A história se desenvolve em vários capítulos, numerados até o décimo quinto (depois os capítulos passam a não ter número), e está centrada na personagem Laura, uma moça apresentada como desajustada cujas relações familiares são conflituosas. Laura e seu irmão Sidney foram criados pela tia, Mafalda, após a morte da mãe, a quem Laura trata com desprezo. Tem com a tia uma relação tumultuada, recusando suas orientações e interferências. Neste romance, Rios expõe uma família desequilibrada pela morte da mãe e a ausência do pai viúvo, que diante da perda da esposa, foge para a França, deixando dois filhos aos cuidados da cunhada. Em seu retorno, doutor Silveira apresenta nova esposa, Jeanne Marie, descrita como bem mais jovem que ele, com quem a protagonista Laura acaba por ter uma paixão.

A volta do pai ao Brasil é a grande reviravolta da trama, gerando desentendimentos entre Laura e o pai. Fica evidente a sua não aceitação da nova esposa. Tia Mafalda também deixa o lugar diante da chegada de Doutor Silveira com Jeanne Marie, alegando que já fez sua parte ao educar os filhos. Em certa altura, é revelado a Laura que sua mãe biológica é, na verdade, tia Mafalda.

Diante da descoberta de Laura sobre sua mãe biológica, a protagonista se coloca contra o pai. Em uma cena, a autora expõe uma conversa repleta de acusações e discussão e, ao deixar o escritório do pai onde acontecia o acerto de contas, Laura encontra Jeanne Marie, leva-a de carro a um passeio e uma cena dramática na qual acelera o carro, ao mesmo tempo em que questiona Jeanne Marie sobre o que as duas viveram na outra noite. Entre trocas de confissões de amor, o carro acaba por capotar e cair no mar. O fim do livro traz a morte das duas.

Na história, Laura vive um conflito devido a sua “condição de homossexual”, nas palavras da autora, e a difícil relação com a família devido a seu comportamento “inadequado”:

No lar já tivera inúmeras provas de que o irmão era mais benquisto, mais estimado. Por quais razões? Devido ao comportamento dela e, mais do que tudo, por causa do seu tipo. Que culpa teria se a natureza a fizera assim, magra, máscula, diferente, afinal! Com que direito então não admitiam que ela vivesse como desejava? Sempre admoestavam-na, criticando-a, promovendo brigas onde não conseguiam dobrá-la nem fazer dela uma jovem de cinturinha estreita e delicada. (RIOS, 1969, p. 17)

Pode-se pensar na ideia de construção social do gênero na leitura desta personagem, uma vez que, quando se determina “é menino” ou “é menina”, todo um trabalho pedagógico se inaugura para inscrever neste sujeito um gênero e sexualidade específicos, determinados pelo seu sexo biológico. Há todo um aparato social que mantém a construção deste gênero de maneira dicotômica – masculino/feminino -, desde o nome, a cor das roupas e brinquedos, os esportes que a criança pode praticar e as atividades que pode desempenhar, tudo fundamentado no sistema binário de sexo/gênero. No que diz respeito à sexualidade, o considerado “natural” é o desejo e interesse afetivo pelo sexo oposto. Como nos lembra Guacira Lopes Louro em seu *O Corpo Educado*, são as pedagogias da sexualidade postas em prática pelas diversas instâncias responsáveis pela educação: escola, igreja e, sobretudo, a família. A trama de rios deixa exposta a família como uma destas instâncias norteadoras.

Em um dos diálogos de Laura com sua amiga Ivô na boate que frequentam, a personagem reclama da família e da relação com seu irmão, Sidney, afirmando que este é o preferido do pai por ser o filho homem. Neste ponto, a protagonista critica o irmão por este ter aceitado a nova esposa francesa, Jeanne Marie e, comparando-se ao irmão, afirma ser melhor e “mais esperta” que este, dizendo serem “almas que nasceram em corpos trocados”. Diante da fala, a amiga Ivô questiona: “mas seu irmão não é?”, e Laura responde “Ele?! Nunquinha! Ele é bem macho! Não me referi a sexo mas a temperamento”. Complementa dizendo que ele não tem coragem para enfrentar as coisas, quem tem é ela. A amiga questiona e ela se revolta:

“Quem eu odeio é essa mulher! Sim, também odeio meu pai, o meu irmão! Odeio tudo! Tenho ódio da vida! Vocês não percebem? **É por isso que vivo aqui, entre pessoas desajustadas.** E não me venham com rebates, de quem não tem complexos e nem revolta de coisa alguma. Vocês todas estão marcadas na alma e no corpo. Não passam de umas frustradas, como eu! O que reconhecemos de nosso? Que direitos? Que liberdade? Desde que começamos a entender o que éramos, que vimos lutando. E contra quem e o quê? Humilhação, medo, vergonha, dos outros. Até para ter um lugar como este. Para nos entendermos e enfrentarmos a nós mesmas.” (RIOS, p. 50, grifos nossos)

Este comportamento pode ser entendido como um desajustamento dentro da lógica da heterossexualidade compulsória, como observado por Swain:

A heterossexualidade compulsória é, assim, uma instituição política com todas as variáveis que isso implica, na importância social, na estrutura de empregos, na divisão do trabalho e sua remuneração, no sistema produtivo em geral, nas esferas administrativas das empresas públicas e privadas, no governo e nas relações sociais de modo geral, em que o masculino é mais valorizado do que o feminino (SWAIN, p. 47)

Ao longo da narrativa, são apresentadas várias personagens não heteronormativas que estariam confinadas a uma espécie de gueto, como podemos observar no seguinte trecho:

Por que estão aqui? Refugiando-se? Procurando gente igual? Como alienígenas, à procura de quem saiba falar o mesmo idioma? Vocês, como eu, já recalçaram todas as piores mágoas que um ser humano pode ter. Primeiro aquela surpresa de que nossos gostos são diferentes, contrários aos bons costumes sociais, que temos que ocultá-los. Segundo, a vergonha da palavra: lésbica! Homossexuais! (RIOS, 1972, p.51).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Cassandra Rios não situava a sua produção literária objetivamente contra o regime, mas, ainda assim, foi colocada na mesma sacola que os subversivos pela censura. Não era, em tese, comprometida com a luta das mulheres lésbicas e a liberação dos costumes via ativismo feminista, mas acabou sendo uma das autoras mais censuradas por abordar questões de sexualidade.

O livro *Copacabana Posto 6* se insere nesta chave de questões: não é subversivo no sentido estritamente político, já que não toca em questões e críticas diretas ao regime militar, mas, apontamos que traz uma subversão das normas de sexualidade. O parecer nº 1711/75, da técnica de censura Marina de A. Brum Duarte, 27 out. 1975, deixa expresso o carácter negativo, segundo a censura, da obra em questão:

No exame da obra *Copacabana Posto 6 (A madrasta)*, por outro lado, o censor a caracterizou como uma “infeliz subliterate” e seu alvo era justamente o tratamento dado ao homossexualismo: “mensagem negativa, psicologicamente falsa em certos aspectos de relacionamento, nociva e deprimente, principalmente pela conquista lésbica da heroína junto à madrasta e o duplo suicídio final”. (MARCELINO, 2006).

Outro aspecto digno de nota e que tange a sexualidade como subversão na produção de Rios diz respeito ao fato de os intelectuais e “grandes nomes” da literatura, nesse ínterim, não a reconhecerem – haja vista o manifesto assinado por 1.046 intelectuais brasileiros, conhecido como *Manifesto dos Mil*, enviado em 1977 ao Ministro da Justiça Armando Falcão, que contava com autores já conhecidos como Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon, Hélio Silva, Jose Louzeiro e Ary Quintella. O manifesto, que tinha como objetivo a oposição à proibição de mais de quatrocentos livros de autores nacionais e internacionais, foi assinado por Rios, mas seu nome não constou no documento entregue ao ministro (VIEIRA, 2014, p. 44). Polêmica sexualidade sobre a qual se debruça a autora, sem ter naquele momento muito espaço a não ser no topo dos rankings de vendas.

Por fim, apontamos o carácter subversivo da obra em questão quando, em uma cultura heteronormativa, Rios ousou pautar tais personagens. Suas personagens, como Laura, subvertem a ordem natural das coisas quando defendem o próprio prazer recusando as normas de gênero e sexualidade vigentes.

Referências:

FOUCAULT, Michel. [1976] **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GREEN, James N & QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2014. 332 p.

LESSA, Patrícia. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividade**. Tese História UNB 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Traduções de Tomaz Tadeu da Silva. 2 ed., Belo Horizonte, Autêntica: 2000

MARCELINO, Douglas Attila. Salvando a pátria da pornografia e da subversão: a censura de livros e Diversões públicas nos anos 1970/ Douglas Attila Marcelino. Rio de Janeiro: UFRJ/ PPGHIS, 2006.

NAVARRO-SWAIN, T. Desfazendo o "natural" a heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

QUINALHA, Renan Honorio. Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). 2017. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.101.2017.tde-20062017-182552. Acesso em: 2018-08-29.

REIMÃO, Sandra Lucia Amaral de Assis. Repressão e resistência: censura a livros na ditadura militar. 2015. Tese (Livre Docência em Comunicação e cultura) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/100/tde-21082015-151559/>>. Acesso em: 2018-07-10.

VIEIRA, Kyara Maria de Almeida. “Onde estão as respostas para as minhas perguntas”?: Cassandra Rios – a construção do nome e a vida escrita enquanto tragédia de folhetim (1955–2001)/ Kyara Maria de Almeida Vieira. – Recife: O autor, 2014.

Fontes:

RIOS, Cassandra. **A perseguida**. Revista TPM. São Paulo: Trip Propaganda e Editora, n.3, jul.2001. p.2-11. Entrevista concedida a Fernando Luna.

RIOS, Cassandra. **Cassandra Rios ainda resiste**. Entrevista ao jornal Lampião da Esquina. Ano 1, n 5. Outubro de 1978. p. 8-10.

RIOS, Cassandra. **Cassandra Rios, popular e maldita**. Entrevista concedida à Eliane Roberí Moraes e Sandra LaDeiz, jornal O Mulherio, ANO 111, n° 14 julho/agosto 1983, p. 10.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

RIOS, Cassandra. **Copacabana posto 6 – A madrasta**. Rio de Janeiro, 1969.

RIOS, Cassandra. **Qual o pecado de Odete?** Entrevista à revista Realidade, Editora Abril. Março, 1970.